

ARTIGO:

NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS E A AMAZÔNIA. UM ESTUDO SOBRE O AMBIENTALISMO NA EUROPA*.

Carlos Potiara Castro*

INTRODUÇÃO

O processo através do qual se vai ter a real dimensão de finitude dos recursos naturais de nosso planeta vai levar a um debate sobre a relação que o ser humano estabeleceu ao longo da história com a natureza em suas atividades econômicas e sociais. A dominação da natureza foi vista como um desafio a ser superado (Comissão Gulbekian, 1993 e Ferreira, 2002). Dominação que tomou um impulso irresistível com o advento da indústria. Essa “descoberta” dos limites do crescimento vai nascer a partir da segunda metade do século XX, sobretudo como um reconhecimento dos problemas ambientais que nesse primeiro momento serão problemas industriais locais. Com o desenvolvimento do conhecimento científico serão identificados problemas ambientais globais, que afetam a todos sem distinção de classe ou de área geográfica, como por exemplo a identificação do aquecimento do planeta, que trará consigo a resposta conceitual de desenvolvimento sustentável (Smouts, 2001).

O nosso estudo se volta para esse processo de modificação da percepção do próprio meio ambiente. Para tal escolhemos como eixo discursivo a questão das florestas tropicais úmidas, de um modo geral e mais especificamente, da floresta amazônica, enquanto valor simbólico no nascente discurso ambientalista, usando dados disponíveis sobre a evolução da opinião pública, da literatura acadêmica sobre o ambientalismo e enfim de material jornalístico publicado na imprensa diária. Nosso interesse porta portanto sobre essa evolução da preocupação dos cidadãos com os aspectos ambientais de seu entorno, do meio ambiente enquanto valor universal, com o apogeu desse modo de ver por volta da época do assassinato de Chico Mendes e da Rio-92 e de seu lento recuo posterior.

Duas observações devem ser feitas aqui no que tange escolhas feitas, deve-se admitir com uma certa dose de intuição sobre a relevância de certos aspectos que ainda não são dados definitivos. O debate em torno da questão ambiental tal como se deu nas últimas três décadas está intimamente ligado aos avanços científicos que permitiram que se tivesse uma visão de conjunto do planeta (Smouts, 2001). As informações dando conta de forma conclusiva ou não da situação alarmante em que se encontra o meio ambiente vão pouco a pouco chegar junto ao público em geral. Mas será sobretudo o público dos países do Atlântico Norte que se sentirão num primeiro momento o mais preocupado com esse estado de coisas. Serão esses membros das classes médias urbanas, guardando valores pós-materialistas, dos países mais industrializados que tomarão as primeiras atitudes para proteger o meio ambiente da ação predatória do próprio ser

humano. Essa origem eurocêntrica irá influenciar termos, conceitos dominantes e os ítems relevantes, enfim, do debate internacional sobre meio ambiente (Smouts, 2001).

A proteção das florestas tropicais úmidas de um modo geral e da Amazônia em particular se tornaram a partir do surgimento dos primeiros movimentos ambientalistas uma de suas mais persistentes reivindicações. Tornando-se um dos temas mais importantes da agenda ambientalista, as florestas tropicais vão passar a portar um significado específico que remete obrigatoriamente ao mundo que as gerações atuais deixarão para as futuras. A proteção das florestas tropicais vai estar intimamente ligado a um sentimento de urgência extremamente difundido na resolução dos problemas ambientais. Toda a energia investida pelo movimento ambientalista em prol da proteção das florestas tropicais vai traduzir esse sentimento de necessidade imediata de preservação de um equilíbrio ecológico mundial e da biodiversidade ainda remanescente ameaçadas e cujo desaparecimento transformaria o mundo de forma irreversível. A proteção das florestas tropicais é ainda uma das reivindicações ambientalistas que mais carrega valores humanistas e ao mesmo tempo pede um engajamento de maior radicalidade para a transformação do tempo presente. Geralmente vemos como consequência prática maior valorização do meio ambiente em detrimento do desenvolvimento econômico, que sempre acarretará, sobretudo o industrial e do agribusiness, impactos negativos – externalidades – sobre a natureza.

Esse sentimento de urgência dos movimentos ambientalistas vai fazer com que atuem de forma marcante no espaço público, tornando-se um dos movimentos reivindicatórios de maior visibilidade e com maiores condições práticas de atingir seus objetivos. Mas, ao contrário do que ocorreu nos Estados-Unidos onde os movimentos ambientalistas passam bem ou mal a ter um certo nível de interlocução com as instituições responsáveis pela regulação ambiental, na Europa observamos uma tentativa de isolamento e alienação do poder ou, ao contrário, uma incompreensão por parte das instituições e do estado que não percebem um caráter mais permanente e duradouro presentes nas questões levantadas pelos movimentos ambientalistas, o que acarretará uma forma de mobilização política mais constante, radical e sonora (Rohrschneider, 1991). Da mesma forma, podemos interpretar sem incorrer em equívoco, que a relutância dos partidos políticos tradicionais em implementar legislação específica de proteção ao meio ambiente vai provocar o surgimento dos partidos verdes na Europa, então com uma pauta política que não inclui apenas aspectos ambientalistas, mas que questiona em profundidade as próprias estruturas de poder (Mertig & Dunlap, 2001). O nascimento desses partidos verdes em vários países europeus é sintomático dessa mudança de rumos. Críticos da concepção mesma de política praticada pelos partidos tradicionais, eles tomam uma parte do espaço deixado pelos movimentos esquerdistas ao final dos anos 60.

O engajamento da população através desta tomada de consciência aparece em intervalos a partir dos anos cinquenta e sessenta. E se origina a partir de diversos fatos, como os problemas das grandes indústrias poluidoras ou do impacto da construção de infra-estrutura como as auto-estradas nas décadas que seguem imediatamente o pós-guerra, passando pelos problemas colocados pela bipolaridade do mundo, onde começa a aparecer de forma bastante palpável no imaginário ocidental uma guerra sem vencedores.

Esse processo se torna possível a partir de dois aspectos que estão de certa forma interrelacionados. Primeiramente, o mundo científico se volta para o estudo dos impactos da atividade humana em seu ambiente, gerando informações que vão se mostrar extremamente preocupantes (Silent Spring). Pela primeira vez essas informações são produzidas dessa maneira. Da mesma forma, devemos lembrar que os anos do pós-guerra forma a idade de ouro da indústria automobilística, assim como dos produtos de consumo de massa, gerando novos dilemas em termos de gerenciamento dos espaços, sobretudo urbano. Ao mesmo tempo em que há a identificação desses problemas concretos, a mídia vai ter um papel fundamental na divulgação dessas informações. A percepção de problemas ambientais globais faz parte de um mundo que se comunica através de imagens de mídia. De tal forma que a opinião pública vai passar a deter um capital de informações mínimas para tratar dos assuntos ambientais. Desta opinião pública relativamente informada sairá a base de apoio dos movimentos ambientalistas.

O fato isolado mais importante para a agregação de valor simbólico às florestas tropicais foi a confirmação pelos cientistas já nos anos 80 do processo de aquecimento global causado pelos gases liberados pela combustão de derivados de petróleo que provocam o efeito estufa (Kolk, 2001). “Em oposição ao processo de aquecimento provocado pelos gases de efeito estufa, as florestas tropicais úmidas, que ainda significam para o mundo urbano e ocidental lugares protegidos, ainda não tocados pelas mãos desastradas dos seres humanos. As florestas são os espaços onde a esperança por um mundo mais justo vai morar. E a floresta amazônica estará em primeiro lugar por suas dimensões. A Amazônia constitui então uma figura emblemática da ligação entre a crise ecológica e a crise do desenvolvimento. A Amazônia pode ser vista como um mito mobilizador” (Lipietz, 1991).

Mito mobilizador que vai estar no centro das lutas empreendidas pelos movimentos ambientalistas que vão usá-lo para atingir maior número de pessoas e receber apoio por parte da opinião pública em prol de suas reivindicações.

AMBIENTALISMO E CONSERVACIONISMO

Os movimentos ambientalistas podem ser identificados como um dos movimentos sociais que obteve maior sucesso em sua atuação política ao longo dos anos posteriores à segunda guerra mundial. Esse sucesso relativo se deve, sem dúvida ao apoio constante às suas reivindicações recebido por parte da opinião pública (Mertig & Dunlap, 2001). Esse apoio por parte do público vai qualificar o ambientalismo como um dos novos movimentos sociais (NMSs) com maior capacidade de agregar todos os outros através da temática ambiental (Buttel, 1987). Os valores que sustentam esses movimentos são provenientes de novas classes sociais impregnadas de valores pós-materialistas e tendem a apoiar, ao mesmo tempo que o ambientalismo, outros novos movimentos sociais. Os NMSs representam os valores que surgem junto com uma nova classe social, de colarinho branco, com alto nível de educação, geralmente superior, exercendo atividades econômicas não relacionadas à indústria ou ao mundo empresarial.

São geralmente professores universitários, jornalistas, artistas, funcionários públicos.

Análises vão mostrar que existem dois tipos fundamentais de movimentos em prol do meio ambiente na Europa Ocidental: o ambientalismo e o conservacionismo (Rohrschneider, 1991). O primeiro é fruto dos movimentos estudantis dos anos 60 na Europa e na América do Norte e identifica-se mais com posições de esquerda. O conservacionismo é por outro lado um movimento que aparece no final do século XIX nas classes médias de então e tem por objetivo inicial a preservação de paisagens e aspectos naturais, notadamente as montanhas, que sofrem acelerada degradação diante do desenvolvimento da indústria. Suas posições são reconhecidamente de centro. No entanto, se o conservacionismo vai ter maior facilidade de receber apoio por parte da maioria da opinião pública, as pessoas que se identificam com esse movimento tendem a apresentar uma abertura tanto para apoiar o movimento ambientalista quanto outros novos movimentos sociais.

Poderia-se esperar também uma grande diferença entre o apoio recebido pelo conservacionismo e o ambientalismo nos países europeus. Mas não é isso que se verifica, um vez que a diferença percentual de apoio é muito pequena (Rohrschneider, 1991). Existe também uma disposição para apoiar outros movimentos sociais como o feminismo ou dos direitos humanos ou dos animais.

Poderia-se esperar também um maior apoio por parte dos jovens às temáticas dos novos movimentos sociais. Verifica-se de fato esse fenômeno em parte e relativos a determinados assuntos. Os jovens (acima de 15 anos) como regra geral apresentam uma preocupação menor do as pessoas mais maduras, mas as discrepâncias não são substanciais, com poucas exceções: “pesticidas”(29% entre os com 15-24 anos, 39% entre os com 55 anos e acima), “desastres naturais” (38% entre os com 15-24 anos, 48% entre os com 55 anos ou mais), “químicos” (32% entre os com 15-24 anos, 41% entre os com 55 anos ou mais).

Da mesma forma argumentou-se que a questão de gênero revelaria, pelo fato da experiência primordial de afeto das mulheres com as mães, uma diferença de comportamento de acordo com o sexo do entrevistado. Os homens sempre tiveram maior participação na política e assim poderia-se obter resultados interessantes. Vamos ver que de fato existe uma maior participação feminina, mas não de forma tão acentuada. E sem exceção, as mulheres demonstram maior preocupação com as consequências dos problemas ambientais que os homens, mas a discrepância é maior que ou igual a 5 pontos percentuais somente em três casos: “desastres naturais” (47% comparado com 40%), “energia nuclear” (53% comparado com 48%) e o uso de produtos químicos (36% comparado com 41%). Para todos os problemas considerados, as mulheres se sentem menos bem informadas que os homens (Eurobarometre 180). A discrepância entre homens e mulheres varia de 3% a 9%. É mais alto para “energia nuclear” (42% de informação entre os homens comparado com 34% entre as mulheres) e com relação ao deflorestamento (49% comparado com 42%).

Finalmente, o apoio explícito a esse movimentos não é sempre acompanhado por

uma disposição ao engajamento ou filiação a uma ONG ou associação. No entanto, apesar das similitudes na forma de apoio público que recebem os “novos movimentos sociais são vistos como portadores de uma desafio fundamental para as sociedades industriais. Um desafio que é explicitamente assumido pelo ambientalismo, mas não pelo conservacionismo” (Mertig & Dunlap, 2001).

Ao mesmo tempo, no entanto, os mais educados parecem ser mais sensíveis ao problema da “eliminação das florestas tropicais” (45% comparado com 38% para aqueles que completaram sua educação antes da idade de 16, 49% entre executivos seniors comparado com 39% entre os trabalhadores manuais) ou sobre a “extinção de espécies” (42% comparado com 35% de acordo como critério de idade de finalização dos estudos). E as maiores discrepâncias de acordo com o posicionamento ideológico diz respeito a “energia nuclear” (56% na esquerda comparado com 45% na direita), “poluição provocada pela agricultura” (34% comparado com 28%) e “desastres industriais” (51% comparado com 44%).

OPINIÃO PÚBLICA E A QUESTÃO AMBIENTAL

O nosso foco neste estudo está centrado nos países que formam a Comunidade Européia (constituída por 12 países no momento da aplicação das pesquisas de opinião com as quais trabalhamos) num primeiro momento e a União Européia posteriormente (com 15 membros no momento da aplicação das pesquisas). Estudando o conjunto dos dados disponíveis relativos a esses países, é possível ter uma idéia da evolução do apoio que as teses ambientalista receberam por parte da opinião pública como um todo. A base de dados sobre as quais nos apoiamos é o Eurobarometre números 30, 36, 66, 88, 131 e 180 realizados respectivamente em 1986, 1988, 1992, 1995, 1999, 2002. Estas pesquisas de opinião foram conduzidas em todos os países da Comunidade Européia e posteriormente na União Européia e possui um certo número de perguntas que respondem o quanto os cidadãos desses países apoiam as organizações ambientalistas. Os entrevistados foram especificamente questionados em dois pontos: sobre a sensação de urgência nas questões ambientais e sobre a importância da precedência ou não da proteção ambiental sobre as atividades econômicas.

A primeira pergunta dá uma noção geral da amplitude da preocupação da opinião pública européia com as questões relativas ao meio ambiente:

“Várias pessoas se sentem preocupadas com a proteção do meio ambiente e com a luta contra a poluição. Na sua opinião esse problema é...?”

Quatro opções de resposta são então apresentadas ao entrevistado.

“A. Trata-se de um problema imediato e urgente; B. Trata-se de um problema para ser resolvido no futuro; C. Isso não constitui realmente um problema; D. Não sabe / não respondeu”.

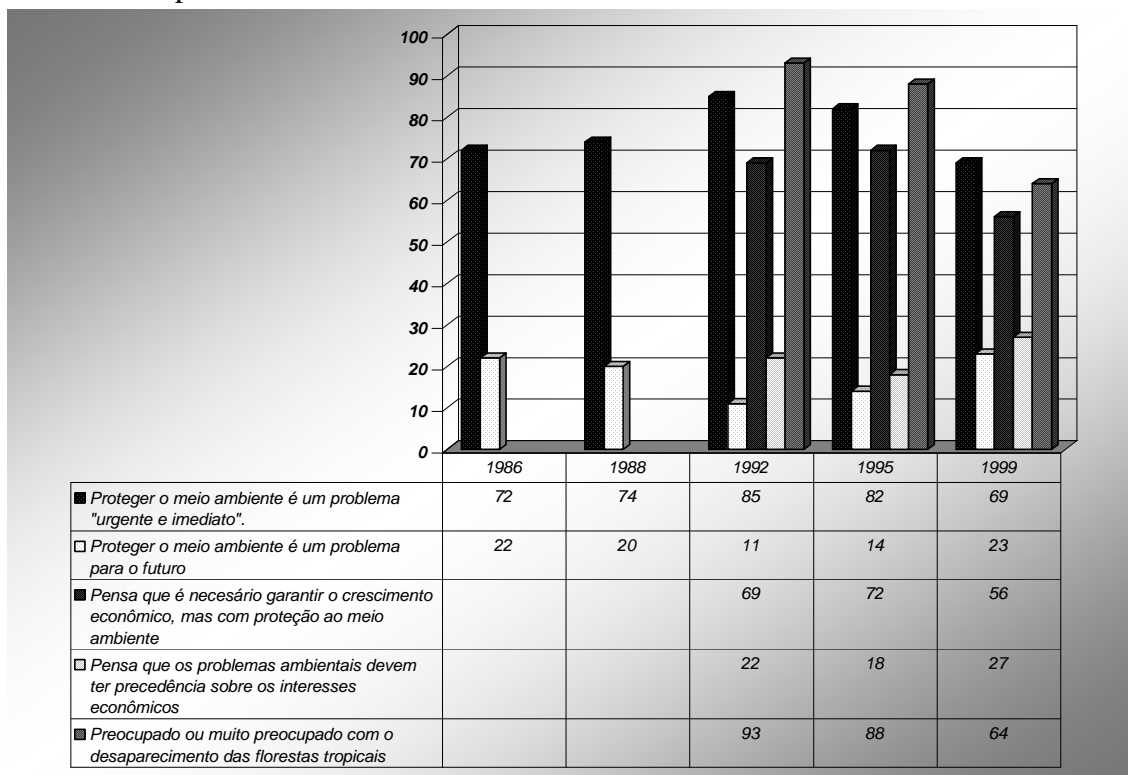
A segunda pergunta busca ver até que ponto estaria-se disposto a discutir a primazia das atividades econômicas sobre a proteção do meio ambiente:

“Eu vou ler para você três opções que você escuta de vez em quando sobre os problemas ambientais. Qual delas se aproxima mais da sua própria opinião?”

As três opções apresentadas ao entrevistado representam opiniões que revelam um posicionamento mais ou menos progressista ou conservador, quando cruzamos com o posicionamento político dos entrevistados.

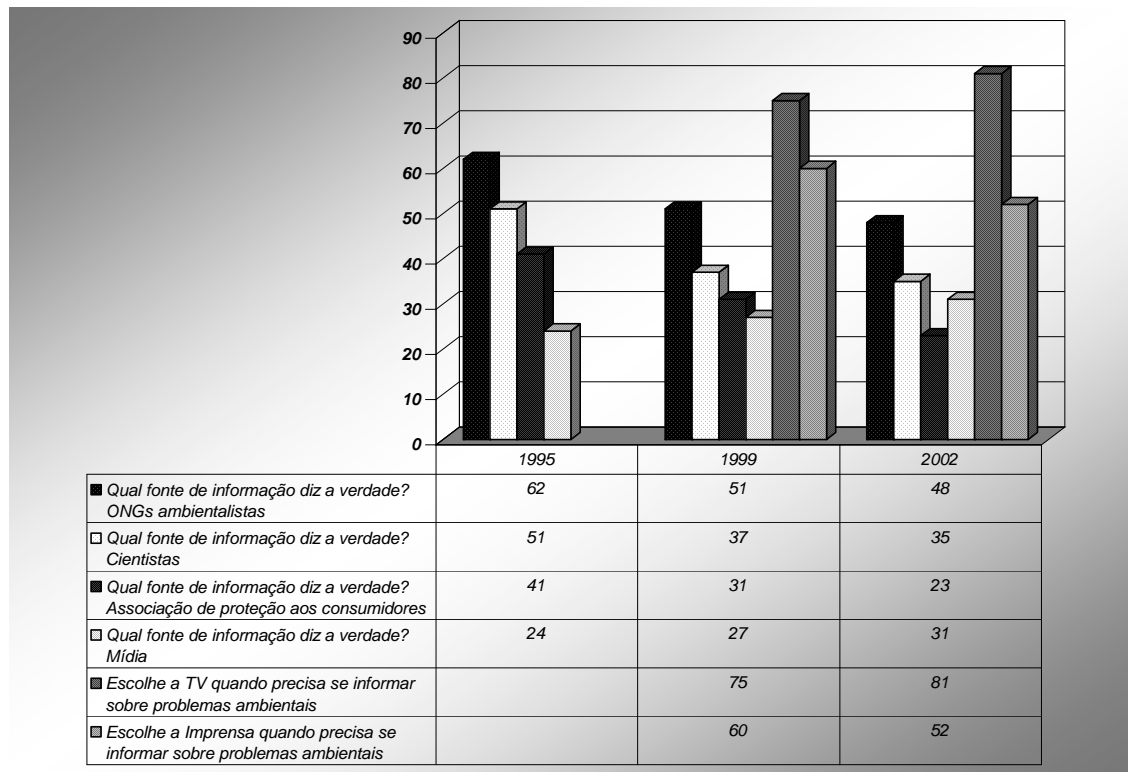
“A. O desenvolvimento econômico deve receber prioridade sobre os assuntos relativos ao meio ambiente; B. O desenvolvimento econômico deve ser garantido, mas o meio ambiente protegido ao mesmo tempo; C. Temas relativos ao meio ambiente devem receber prioridade sobre os assuntos econômicos; D. Não sabe / não respondeu”.

Gráfico 1: Importância do tema Meio Ambiente



Vemos a evolução desses dados, que indicam por um lado um alto grau de preocupação com o que acontece com o meio ambiente, não somente no espaço imediato, mas sobretudo a nível mundial. O pico desse primeiro gráfico é no ano de 1992, quando ocorre no Rio de Janeiro a UNCED (conhecida por Eco – 92). Depois desse pico de 1992, os números voltam em 1999 aos níveis de 1986, tanto no que se refere à preocupação com a situação do meio ambiente, quanto às respostas que colocam os problemas ambientais como algo a ser resolvido pelas gerações futuras (ver Gráfico 1).

Gráfico 2: Nível de confiança na fonte de informação



A segunda série de dados mostra a evolução das opiniões que colocam a proteção do meio ambiente como prioridade (ver Gráfico 1). Apesar da opção que propõe um desenvolvimento econômico que respeite o meio ambiente ser ao longo do tempo sempre a opinião majoritária, há dois movimentos na opinião pública que podemos identificar claramente. Primeiramente, em 1992, vemos que mais de 1 europeu sobre 5 é a favor da primazia da proteção do meio ambiente sobre os aspectos econômicos – que indica um alto grau de preocupação com o meio ambiente - esse número passa a 27% (mais de um 1 sobre 4) do total das respostas em 1999, que interpretamos como um processo de radicalização e de polarização das opiniões no que se refere à proteção ambiental. Desta forma, entre 1992 e 1995 vê-se que uma disposição geral mais favorável ao meio ambiente se arrefece, aumentando o apoio a um compromisso entre atividade econômica e meio ambiente. Entre 1995 e 1999 vemos então um processo de polarização nos extremos, apesar da posição de compromisso ainda representar mais da metade das opiniões. Devemos lembrar que um maior peso das opiniões a favor da primazia do desenvolvimento econômico sobre o meio ambiente cria um quadro no qual a modificação do status quo se torna politicamente mais difícil do que com um quadro onde mais de 9 entre 10 entrevistados, quando “a preocupação demonstrada com o o meio ambiente representa uma síndrome ambientalista geral” (Rohrschneider, 1991), se dizem a favor da primazia do meio ambiente sobre a atividade econômica ou de um compromisso entre os dois.

No que se refere ao modo como os cidadãos europeus se informam sobre assuntos

relativos ao meio ambiente, existe uma clara opção por fontes qualificadas (ver Gráfico 2). Diante de um conjunto de perguntas sobre a confiabilidade e veracidade da informação recebida sobre os assuntos relativos ao meio ambiente, as três mais importantes fontes são por ordem, as ONGs ambientalistas, os Cientistas que trabalham com o tema e as Associações (também ONGs) de proteção dos direitos do consumidor. Bem atrás desses três tipos de atores encontramos professores secundaristas e universitários, o governo e em último lugar, com apenas 1%, as indústrias e os atores econômicos. A mídia fica a meio termo, não sendo um a fonte tão fidedigna quanto as ONGs e os cientistas, mas que recebe um grau de confiança crescente. Apesar das ONGs serem as fontes de informação mais fidedignas para a maioria dos cidadãos europeus, assistir a televisão continua sendo a maneira preferida através da qual as pessoas se informam sobre temas relativos ao meio ambiente.

IMPrensa E MEIO AMBIENTE

Para podermos trabalhar sobre essa temática com arquivos de material jornalístico devemos partir do pressuposto de que a imprensa representa um determinado tipo de pensamento que pode ter a forma de um feixe de forças presentes na sociedade.

Encontramos vários tipos de imprensa nos países estudados. De um modo geral, há jornais que se declaram de direita ou de esquerda, que vão deslocar o seu posicionamento favoravelmente ao ponto de vista de determinado ator ou classe social.

Teremos um terceiro tipo de posicionamento diante dos fatos que, na falta de outro termo melhor, é chamado pelos estudiosos da área de “neutro” (Elridge, 1989). Está claro, no entanto, que toda produção jornalística será tendenciosa em maior ou menor grau (Virilio, 1991). De acordo com os estudos consultados, a imprensa dita neutra adota um ponto de vista próximo àquele assumido pelo aparato estatal. Trata-se, portanto, de uma imprensa que, fazendo parte do establishment, vai se comportar como uma instituição necessária ao funcionamento do estado. Esse posicionamento pretende dar representação, através da apresentação dos diversos discursos sobre o real, ao ponto de vista dos representantes das forças que estão presentes no estado contemporâneo (Queré, 1982). Como tal, esses diários, cujo *Le Monde* talvez seja o melhor exemplo, aceita dar vazão a uma certa diversidade de discursos, que no entanto, se encontra também representado dentro do próprio estado. Aquele que não aceita essa forma de organização do poder, como por exemplo a extrema esquerda, é sistematicamente excluído do espaço desses meios de comunicação.

Quando falamos, portanto, de neutralidade, estamos descrevendo o funcionamento de uma mídia que adota claramente os pontos de vista e as crenças de uma larga classe média que reproduz os valores de uma cultura burguesa e que vai encontrar os seus limites de abertura à diversidade de discursos presentes na sociedade na própria forma de participação ao contrato dominante que rege as relações de poder na sociedade (Queré, 1982).

Ora, o discurso dos grupos esquerdistas e ambientalistas que produziram as informações que nos interessam neste trabalho não eram reconhecidos por esse establishment – nem partidos políticos e nem outras instituições - e sua imprensa a não ser como marginais aos processos dominantes. Não haviam elementos a priori que fizessem esperar toda a abertura e apoio que eles conheceram posteriormente e principalmente logo após o assassinato de Chico Mendes e da Rio – 92.

Quando falamos que a imprensa representa em suas páginas o debate que está se dando na sociedade, estamos falando de um determinado tipo de confronto de idéias, com regras e atores sociais bem definidos.

Quando estudamos a produção jornalística temos que ter a exata medida do grau de representatividade do discurso do órgão de imprensa. Nos deparamos com a necessidade de conhecer pelo menos parcialmente as forças políticas presentes em determinado momento histórico e as formas específicas de embate de cada uma. Trata-se de uma tarefa com certo grau de dificuldade mesmo para alguém que se dedica ao estudo da área. Fazer uma história do tempo contemporâneo requer ferramentas e experiência nem sempre disponíveis e por isso mesmo se faz necessária a leitura de fontes secundárias e terciárias.

Se por um lado os movimentos ambientalistas vão nascer um pouco em todas as partes da Europa como forças autônomas, vamos ver um fenômeno político diverso com a organização e participação nas eleições dos partidos verdes. Fenômeno que vai ser observado em dimensão única na Alemanha, esses novos partidos vão, no entanto, ser organizado em vários países. Fora da Alemanha o sucesso eleitoral desses partidos vai ser menor, excluindo certos períodos, seu peso nas coligações governantes vai ser menos determinante.

O IMAGINÁRIO EXÓTICO

Os artigos que consultamos, cobrindo o final dos anos setenta têm em comum uma visão muito distanciada da realidade latino americana em geral e amazônica em particular. Existe de fato uma consciência de que a floresta poderia ser preservada, ao contrário do que aconteceu nos países da Europa e dos Estados-Unidos.

Essas "fórmulas" que voltam com maior ou menor intensidade nos artigos consultados remete à questão, que aliás é objeto de discussão para os antropólogos, da relação do viajante com o outro e a sociedade onde vive.

No entanto, no caso dos jornalistas, eles podem vir a ter uma atitude igual àquela que eles imaginam que o seu leitor médio teria em seu lugar (Queré, 1982). Ou seja, desejando adotar um ponto de vista fictício sobre um lugar longínquo, semelhante àquele que compra um jornal em Londres, Barcelona ou Paris, o jornalista nada mais faz senão

se afastar ainda mais do mundo no qual se encontra de fato. Ele tenta então encontrar no ambiente cultural das grandes cidades européias princípios explicativos àquele objeto que ele está se negando e conhecer. Ele receia de não encontrar um meio de descrever em seu artigo a experiência que está tendo. Fazendo parte do mundo das instituições, desempenhando papel fundamental no funcionamento mesmo da vida política destas sociedades, ele não pode se passar desse contato íntimo com o sentido da história do Estado e da Nação (Habermas, 1993).

Podemos citar como exemplos desse tipo de imprecisão sobre a realidade amazônica aquilo que o jornal francês Libération colocou em seu título no dia 20 de outubro de 1980.

"Amazônia: os vândalos multinacionais. Dentro de cinquenta anos o inferno verde será talvez apenas um deserto".

Ou ainda, em artigo escrito pelo enviado especial do jornal inglês The Times do dia 8 de março de 1980 podemos ler o seguinte:

"The glittering jewel in green hell"

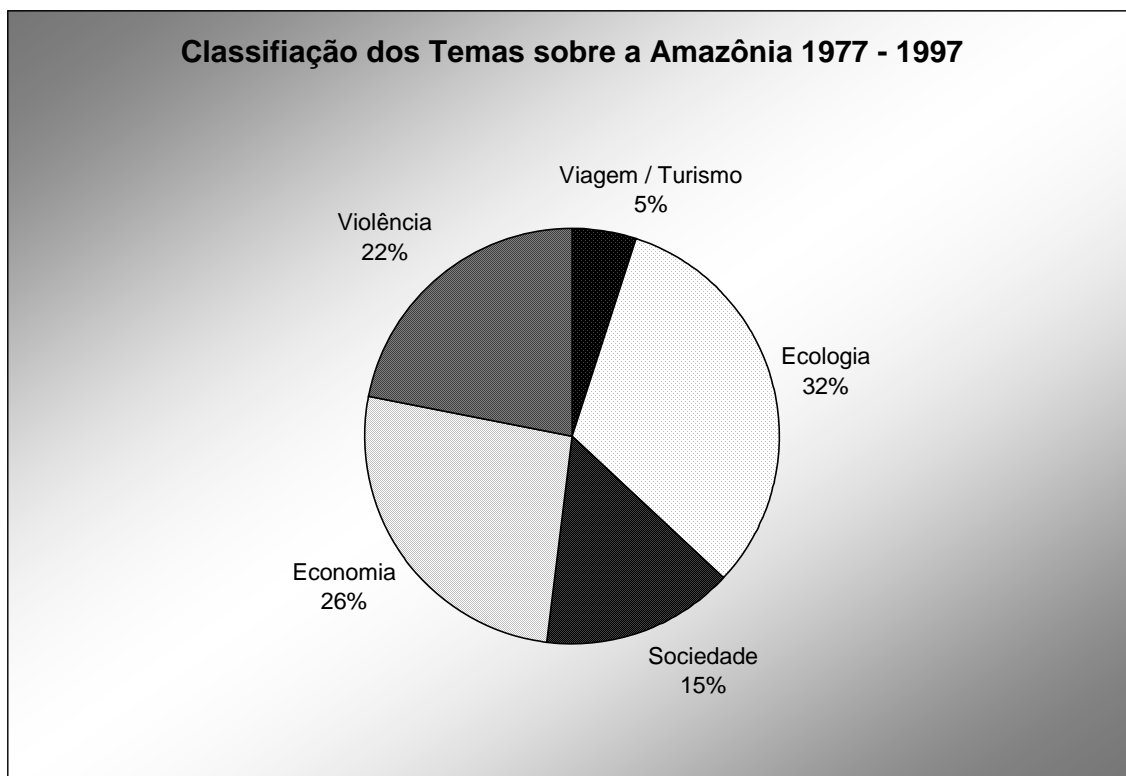
Deep in the Amazon jungle lies the city of Manaus, a thousand miles from the sea, and from anywhere else for that matter (...). The jungle encroached, the ships stopped coming.

But somebody had the idea of making a free zone. Once again prosperous, once again an incongruous oasis in the endless sea of green.

The city is now an incongruous juxtaposition of the most primitive in Brazil, with the country's, even the world's, most sophisticated (...). But the hut will have no floor, its roof may be made of leaves, there will be no drains, and its occupants may well be suffering from tropical disease.

There's really not much to do in the isolated city, either, and the torrid climate, coupled with money to spend, sometimes brings violence. But this is the Green Hell of Amazonia after all.

Gráfico 3:



Fonte: Cidic

Podemos citar igualmente esses títulos publicados com uma certa conotação ficcional.

"The opening-up of the Amazon". "End of the bandit era" - no Financial Times, 13 de janeiro de 1978.

"L'Amazonie ou la conquête de l'Ouest" - La Croix, 25 de outubro de 1978.

Neste artigo do Figaro de 6 de julho de 1983 podemos ler em especial este excelente exemplo:

Enfer vert, poumon du monde, fascinante et inquiétante, cachant l'or et la pierrerie sous la pourriture d'une végétation en décomposition, dissimulant la mygale sous le chatolement de l'orchidée, l'Amazonie a toujours suscité les rêves les plus fous où se mêlent la fortune et l'aventure. Depuis quelques dizaines d'années, les hommes se sont lancés à l'assaut de la jungle, bien décidés à exploiter cette nouvelle caverne d'Ali Baba enfouie dans l'enchevêtrement des arbres et des lianes, gardée par les jaguars, les piranhas, les fourmis mangeuses d'hommes, les caïmans et les serpents (...).

E no Le Monde de 9 de outubro de 1978 encontramos um artigo de Pierre Monbeig, do CNRS, que dá uma breve explicação dessas idéias prontas sobre a Amazônia. Esse artigo foi publicado quando do lançamento de um vôo Air France entre Paris e Manaus.

Les Français profitent de l'escale d'Air France à Manaus pour découvrir la forêt équatoriale (...).

Il est d'usage d'attribuer aux conditions naturelles la responsabilité du retard amazonien: le milieu équatorial avec sa chaleur, ses pluies, ses sols médiocres, sa fragile forêt dense, le risque annuel des inondations dans une plaine infinie, le cortège des germes pathogènes inhérent à un tel environnement - autant de causes généralement avancées pour expliquer la précarité de la condition humaine dans ces parages.

Or, si, avec Pierre Gourou, on compare le "bilan" amazoniens à celui d'ensembles régionaux analogues - au bassin congolais par exemple - on voit qu'il n'est pas défavorable.

Problemas ambientais não estão desde essa época ausentes do conjunto de artigos sobre a Amazônia, apesar de serem minoritários. Um exemplo deles:

"Amazon jungle invaded by land-hungry settlers" - The Times, 1 de julho de 1977.

"Costly mistakes in the Amazon" - Financial Times, 8 de novembro de 1977.

"Destroying the world's lung" - The Guardian, 12 de março de 1979.

"Un grand trou dans la forêt" - Le Monde, 24 de agosto de 1980.

"Un échec désastreux: la transamazonienne" - La Croix, 15 de setembro de 1980.

ECONOMIA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

A partir do início dos anos 80 os artigos consultados passam a falar majoritariamente dos rumos tomados pelos grandes projetos de desenvolvimento regional implementados pelo governo e pela iniciativa privada.

Durante o trabalho de pesquisa em jornais vamos ver a publicação de algumas notícias sobre o primeiro desses projetos. No Libération, de Paris, vemos no dia 18 de

dezembro de 1983 o seguinte título:

"Amazonie: la peur de l'Agent Orange".

L'utilisation d'un défoliant par une entreprise chargée de la construction de centrales électriques dans le nord du Brésil, a entraîné la mort de 42 personnes. Une enquête est ouverte pour déterminer la nature du produit utilisé, très vraisemblablement des stocks d'"agent orange", cette arme chimique utilisée durant la guerre du Vietnam..

O artigo de Christian Martin continua: *Dioxine, "Agent Orange": deux mots qui font peur, associé à la catastrophe écologique de Seveso en Italie et à la guerre du Vietnam. Les deux terribles agents défoliants viennent-ils de frapper de nouveau au Brésil, sou le nom local de Tordon? Selon les autorités de l'Etat amazonien du Para, 42 personnes et "d'innombrables animaux" sont morts après le déboisement d'une longue percée dans la forêt pour l'installation de pylônes d'une ligne de haute tension. Enjeu: acheminer à Belem, en Amazonie orientale, l'électricité produite au barrage de Tucuruí(...). Il fallu donc déboiser massivement. Avec quels produits? (...)*

São esses exemplos de notícias que a opinião pública europeia começará a receber. O fluxo de informação é extremamente reduzido, havendo apenas de vez em quando uma nota e mais raramente um artigo.

O Le Monde de 11 de novembro de 1984 abre uma manchete com a seguinte temática:

"Tucuruí, l'hydre de l'Amazonie", puis en bas:

Un barrage dévore tout sur son passage. L'électricité produite par la barrage de Tucuruí alimentera les mines de Carajas et les usines d'aluminium de Barcarena, près de Belem, et de Sao-Luis.

Réfugiés ou manifestants? à voir le campement et ses habitants, on pencherait pour des réfugiés (...) il y a aussi abondance de banderoles, avec slogans revendicatifs et même vengeurs: "A bas les multinationales qui dépouillent le pauvre!"; "nous voulons des terres et une maison!"; "le progrès, oui, mas pour qui?"...

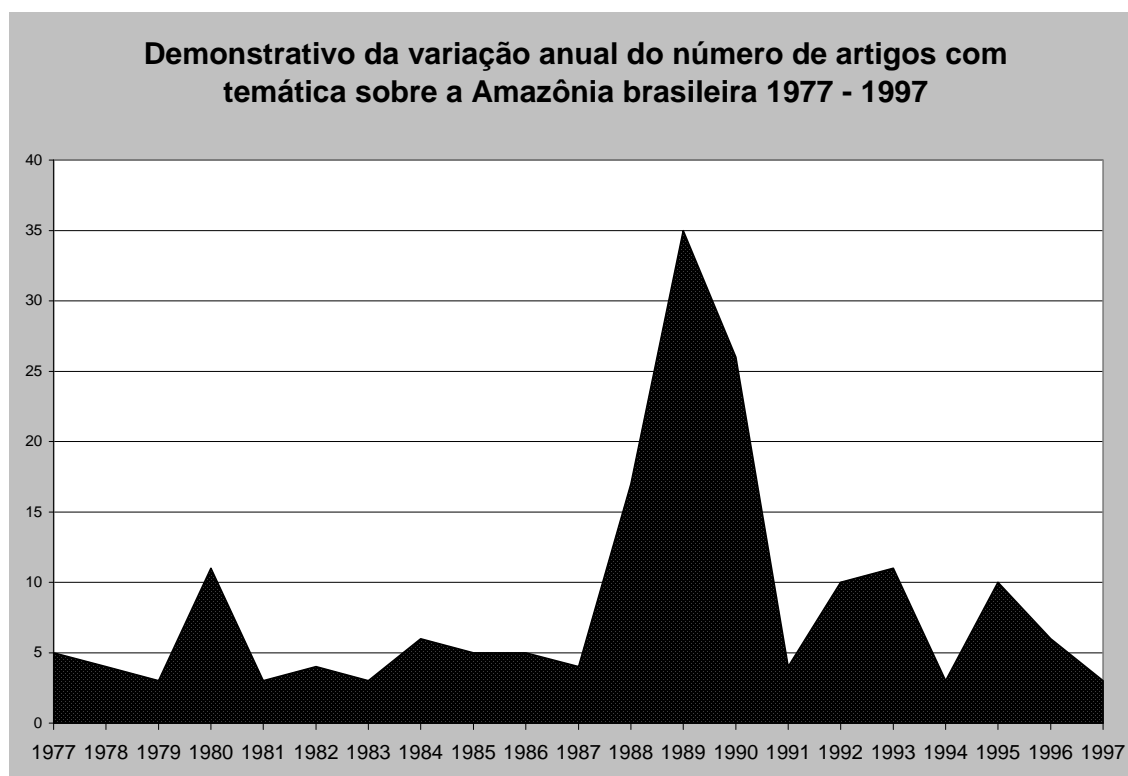
Voilà des années qu'ils se battent contre le projet de barrage. Ils ont reçu l'appui des intellectuels contestataires de Belem, la capitale de l'Etat et bénéficient du soutien de la Commission Pastorale de la Terre - CPT (...) ainsi que du parti des travailleurs - PT, où se retrouvent militants catholiques, trokistes ou maoïstes.

(...) Une commission a même été formée à Brasilia pour trouver un arrangement. Les indiens et le Syndicat des travailleurs de la terre, dont le président local a été assassiné le 4 juillet dernier, ont chacun envoyé une délégation.

CHICO MENDES E A ECO - 92

Como foi visto, o assassinato de Chico Mendes vai tomar uma significação toda particular aos olhos da opinião pública. O seringueiro de Xapuri, sindicalista e militante do Partido dos Trabalhadores, que lutava contra a derrubada da floresta pelos criadores de gado. O ponto central do embate gira em torno da forma e da tecnologia empregada no uso das terras e das florestas da região amazônica.

Gráfico 4:



Fonte: Cidic.

Chico Mendes ganhou o prêmio Global 500 da ONU, que o fez se tornar conhecido dos ecologistas do mundo. Quando a notícia de seu assassinato chega aos jornais há um certo número de pessoas capacitadas ao redor do mundo para informar a imprensa sobre quem era ele.

A floresta tropical destruída, ganha um rosto. Chico Mendes, morto, vai personificar a luta pela proteção das florestas, pela vida harmônica junto com o meio

natural. A maneira como a destruição da floresta e dos pequenos produtores se dá se torna inteligível, talvez pela primeira vez para um grande público. Os textos dos artigos que relatam sua morte são simples, mas haverá de qualquer forma toda uma simbologia em torno de seu assassinato.

Esse fato vai marcar, junto com a Eco - 92 o ponto culminante do interesse da opinião pública européia com relação aos temas ambientais.

CONCLUSÃO:

De um modo geral, e na tentativa de responder às questões iniciais, podemos dizer que a importância que a questão ambiental, e a Amazônia, enquanto símbolo, tomou, está em estreita relação com fatores externos a si.

A preocupação com o meio ambiente faz parte de uma esfera mais elevada de valores, distanciados das necessidades básicas de sobrevivência, que surge junto com uma nova classe média. Nesse sentido, a proteção ambiental é desejada de forma diferenciada segundo as classes, sendo uma aspiração dos extratos da sociedade pertencentes à classe média e com nível educacional mais elevado.

O crescimento do interesse observado na Europa pela Amazônia precisa ser analisado como tendo beneficiado de aspectos conjunturais.

Isso terá um duplo significado. Por um lado, as questões relativas à proteção do meio ambiente não podem ser compreendidas como capital político-eleitoral específico - que possui grande volatilidade, que surge em determinado período histórico e virá a desaparecer rapidamente segundo os efeitos da moda. Muito pelo contrário, podemos falar com bastante segurança que se trata de um capital difuso - complexo, enraizado em diferentes extratos da sociedade e que se mostra duradouro ao longo do tempo.

Por outro lado, o ambientalismo, enquanto movimento, não pode ser reduzido a uma ideologia política que visa simplesmente suplantando o capitalismo, apesar de apresentar de fato uma contradição fundamental com este. A proteção do meio ambiente efetivamente se apresenta como um limite natural ao desenvolvimento e à reprodução do sistema capitalista de produção (O'Connor, 1996, Benton, 1989 e Williams, 1994).

Com uma maioria comprometida com uma posição de compromisso, o objetivo do movimento ambientalista não será de apresentar um novo modelo de produção econômica. Será mais acertadamente a apresentação de uma pauta de políticas públicas e de modelos de regulação do modo de produção existente. Apesar dos discursos que colocam em questão o modelo de consumo nos países ocidentais, a pauta política possível do movimento ambientalista, na maioria dos casos, apresenta proposições para a modificação e correção de rumos da atual forma de produção econômica e de intervenção humana no meio natural.

* Trabalho apresentado na Conferência Interim da International Sociological Association – ISA, entre os dias 29 e 31 de março de 2005, em San Antonio, no Texas e no Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia, 2003, Campinas.

** Pesquisador-visitante da Universidade do Texas em Austin

BIBLIOGRAFIA:

Barthes, Roland (1979) "L'écriture de l'événement" en *Communications* (Paris) n° 12.

Beck, Ulrich (1997) "Global risk politics" en Jacobs, Michael (comp.) *Greening the millenium? The new politics of the environment* (Oxford, The Political Quaterly/Blackwell Publishers).

Benton, Ted (1989) "Marxism and natural limits: an ecological critique and reconstruction" en *New Left Review* (Londres) n° 178.

Benton, Ted (1997) "Beyong Left and Right? Ecological politics, capitalism and modernity" en Jacobs, Michael (comp.) *Greening the millenium? The new politics of the environment* (Oxford, The Political Quaterly/Blackwell Publishers).

Burgelim, Olivier (1978) "Les effets politiques des mass media" en Birnbaum, Pierre e Vincent, Jean-Marie (comp.) *Critique des pratiques politiques* (Paris: Galilée)

Buttel, Frederick (1987) "New directions in environmental sociology" *Annual Review of Sociology* 13: 465-88.

Comissão Gulbenkian

Commission Coopération Développement. (1992) *BarOsud: l'image du Tiers Monde dans les médias*. (Paris: La Documentation Française/Ministère de la coopération et du développement).

De Certeau, Michel (1975) *L'écriture de l'histoire* (Paris: Gallimard).

Eckersley, Robin (1992) *Environmentalism and political theory. Toward an ecocentric approach* (Albany: State University of New York Press).

Elridge, John (1989) *Getting the message. News, truth and Power* (Londres y New York: Routledge / GUMG).

Ferreira, Leila (2002) "Brazilian Environmental Sociology: a provisional review" en *International Sociological Association Meeting* (Brisbane: ISA).

Habermas, Jürgen. (1993) *L'espace public. Archéologie de la publicité comme dimension constitutive de la société bourgeoise* (Paris: Payot).

Jahn, Detlef (1997) "Green politics and parties in Germany" en Jacobs, Michael (comp.) *Greening the millenium? The new politics of the environment* (Oxford, Blackwell Publishers).

Kanagy, Conrad *et all.* (1994) "Surging environmentalism: changing public opinion or changing publics?", en *Social Science Quarterly* (Austin) Vol. 75, Numero 4.

Krauze, Jan (1997) "Sur la Guerre du Golfe" en *Le Monde* (Paris) 15 de novembro.

Lipietz, Alain (1991) "L'Amazonie, mythe français", en *Esprit* (Paris), Numero Janeiro.

Mair, Peter (1996) "Grã-Bretanha: trabalhismo e reforma eleitoral" en Anderson, Perry e Camiller, Patrick (comp.) *Um mapa da esquerda na Europa Ocidental* (Rio de Janeiro: Contraponto).

Marin, Louis (1979) "Pouvoir du récit et récit du pouvoir" en *Actes de la recherche en sciences sociales* 25.

Mertig, Angela y Dunlap, Riley (2001) "Environmentalism, new social movements and the new class: a cross-national investigation" *Rural Sociology* 66 (1): 113-136.

O'Connor, James (1996) "The second contradiction of capitalism" en Benton, Ted (comp.) *The greening of marxism* (New York, Guilford Press).

Queré, Louis. (1982) *Des miroirs équivoques. Aux origines de la communication moderne* (Paris: Aubier Montaigne).

Rohrschneider, Robert (1991) "Public opinion toward environmental groups in Western Europe: one movement or two?" *Social Science Quarterly* 72 (2): 251-266.

Ross, George e Jenson, Jane (1996) "França: triunfo e tragédia" en Anderson, Perry e Camiller, Patrick (comp.) *Um mapa da esquerda na Europa Ocidental* (Rio de Janeiro, Contraponto).

Smouts, Marie-Claude (2001) *Forêts tropicales jungle internationale* (Paris, Presses de Science Po)

Spaargaren, Gert *et all.* (2000) *Environment and global modernity* (Londres e Thousand Oaks: Sage Publications).

Taylor, Claire *et all.* (2000) "Local press coverage of environmental conflict" en *Journalism and mass communication quarterly*, Vol. 77, Numero 1: 175-192, Primavera.

Virilio, Paul (1991) *L'écran du désert : chroniques de guerre* (Paris: Editions Galilée).

Worcester, Robert (1997) "Public opinion and the environment" en Jacobs, Michael (comp.) *Greening the millenium? The new politics of the environment* (Oxford, Blackwell Publishers).

Williams, Collin (1994) "From red to green: towards a new antithesis to capitalism?" en Williams, Collin e Haughton, Graham (comp.) *Perspectives towards sustainable environmental development* (Brookfield, Avebury Ashgate Publishing)